

A redescoberta da muralha romana e suévia-visigótica de Braga ¹

Francisco de Sande Lemos

Manuela Martins

Luís Fontes

José Manuel Freitas Leite

Armandino Cunha

1

As primeiras descrições da muralha romana de *Bracara Augusta* datam do século XIII. Em finais desse século o cronista árabe Ibne Abd Al-Hunim Al-Himiari, baseado no geógrafo Al-Brak (século XI), cita as poderosas defesas da urbe bracarense, que compara a Mérida: “Esta cidade de Braga, que remontava à Antiguidade, foi uma das fundações dos romanos e uma das suas residências reais. Assemelhava-se a Mérida pela solidez dos seus edifícios e ordenação das muralhas. Está hoje quase inteiramente destruída e deserta: foi demolida pelos muçulmanos que expulsaram a população ...” (COELHO 1989) ².

Aliás, já a partir do século XI, se multiplicavam as referências pontuais à muralha, tanto em documentos compilados no *Liber Fidei*, como noutras fontes escritas.

Não é possível, por ora, confirmar se a muralha registada em tais documentos ainda estava integralmente em uso por esse tempo (sécs. X-XII), ou se apenas se mantinham troços, mais ou menos bem conservados. Só futuras pesquisas arqueológicas poderão clarificar este aspecto, embora os documentos indiquem, claramente, que o tramo norte ainda se mantinha como defesa da cidade no século XII (COSTA 1978, 281; MARQUES 1986, 7).

Entre os séculos XIII e XV ergue-se um novo perímetro defensivo, cujo traçado não coincide com o da antiga muralha de origem romana (MARQUES 1986, 5-34) (fig. 1).

Há uma nítida deslocação da cidade para nordeste, consequência de uma nova organização política e espacial. Tal deslocação ficou registada no desenho de Braunio, datado de 1584, mapa em o novo centro da urbe é a Sé Catedral.

Deste modo, a partir do Renascimento, a antiga muralha de *Bracara Augusta* é já a ruína de um tempo glorioso, a Época Clássica, cujos testemunhos tanto impressionavam os letrados e os antiquários. Neste âmbito sucedem-se as alusões eruditas à muralha de *Bracara Augusta*, em textos de Dom Rodrigo da Cunha (1635, 11) e de Jerónimo Contador de Argote (1721, 58).

No século XX há referências muito precisas ao sistema defensivo romano: observações apontadas por José Teixeira (OLIVEIRA 1978, 22-23), Alberto Feio (1956), Arlindo Ribeiro da Cunha (NUNES e OLIVEIRA 1985, 110), Rigaud de Sousa (1973, 11).

Contudo, nos anos 70 e 80, desprezando os dados dos antiquários e eruditos locais, bem como a evidência proporcionada pelos fotogramas aéreos dos anos 40 e 50 (voos da RAF³ e da USAF⁴) (fig. 2), os arqueólogos que escrevem sobre Braga interrogam-se sobre a muralha, o seu trajecto e as suas características. Tanto assim é que Alain Tranoy no seu mapa das cidades da *Callaecia* inscreve *Bracara* como cidade eventualmente fortificada, cuja muralha, ou desapareceu, ou será hipotética (TRANOY 1981, Carte XXXV).

Para muitos as evidências arqueológicas da possível muralha teriam sido destruídas em definitivo.

Em suma, tratava-se de matéria especulativa.

Face a esta dúvida a identificação da muralha romana de Braga foi um dos objectivos expressos do Projecto de Estudo e Salvamento de *Bracara Augusta*, instituído em 1976. Contudo, as características próprias do projecto, não permitiram alcançar esse desiderato, nos primeiros anos. Por ditames de salvamento as escavações centraram-se em área interiores da urbe (tendo sido exumadas as ruínas de um grande balneário público no Alto da Cividade e de uma *insula*, a leste do Largo das Carvalheiras) ou na periferia (o que permitiu localizar as principais necrópoles da cidade) (fig. 3)⁵.

Recentemente, ao longo dos anos 90, mas em especial no ano que ora finda (1998), foi viável recolher um conjunto de evidências arqueológicas que comprovam, sem ambiguidade, a existência de uma poderosa fortificação romana, da qual se conservam extensos troços, muito para além do que supunham os responsáveis do projecto.

A análise dos já citados fotografias dos anos 40 e 50, as referências dos textos medievais e dos antiquários, as observações dos arqueólogos amadores bracarenses, bem como os resultados das escavações efectuadas em diversos pontos da cidade encaixam-se, de tal modo, que a muralha de *Bracara Augusta* é hoje uma incontestável realidade, não só científica, como patrimonial.

Os registos das escavações destes últimos anos na Quinta do Fajal (arqueólogo responsável: José Manuel Freitas Leite), na Rodovia (arqueólogo responsável: Armandino Cunha), na Sé Catedral e Rua Paio Mendes (arqueólogo responsável: Luís Fontes) proporcionaram abundante informação, cujo exame completo levará muitos anos a ser devidamente explorado. Aos dados desses trabalhos somaram-se os registos feitos no acompanhamento da instalação das condutas de gás natural (na rua do Cabido; na Rua Frei Caetano Brandão; e no extremo sul da rua dos Bombeiros Voluntários).

2

De imediato, podemos afirmar que a cidade romana foi protegida por uma poderosa fortificação erguida no último quartel do século III d. C., num contexto histórico muito preciso, ou seja quando *Bracara Augusta* foi elevada a capital da *Callaecia*, dominando um vasto território do Norte da Península. Esse vasto espaço corresponde hoje ao Norte de Portugal, Galiza, Astúrias e à área setentrional da Autonomia de “Castilla-Léon”⁶.

A muralha baixo-imperial de *Bracara* tinha um perímetro entre 2200 e 2400 metros, protegendo uma superfície intra-muros de cerca de 44 a 50 hectares.

Pelo que se pode concluir das escavações realizadas na Quinta do Fujacal e na Rua Paio Mendes os alicerces da muralha foram assentes na rocha, escavada para o efeito.

A face interna, da qual se conservam bons paramentos, com mais de quatro metros de altura, tanto na Quinta do Fujacal, como na rua Paio Mendes, é de *opus incertum*, ou seja de aparelho irregular. No Fujacal o pano interno é um muro de dupla face. Na rua Paio Mendes apenas se regista uma face. A parede externa da muralha, a mais destruída, pelo tempo e pela reutilização de pedra, é formada por silhares de granito, de bom talhe, conforme se observa no Largo Dom João Peculiar (Sé) e no Fujacal. Não admira, pois, que, devido à qualidade do aparelho, tenha sido a mais saqueada ao longo dos tempos.

O miolo revela o cuidado posto na construção da muralha. Uma vez que a ausência de calcário em áreas próximas não permitia o recurso ao *opus caementicium* o enchimento entre os paramentos é constituído por grandes blocos, dispostos transversalmente às faces da muralha, a distâncias regulares entre si, pelo menos na parte inferior da mesma. Os espaços entre estas estruturas transversais era preenchido com pedra solta de dimensão variável. Para agregar as pedras do enchimento interno foi usada uma massa de cal e areia granítica fina, massa muito consistente e aplicada, de forma mais sistemática, ao nível do alicerce. Na parte superior da muralha o miolo é mais irregular, embora não existam, por ora, indicadores para se determinar se tal

diferença corresponde a variações verticais na técnica construtiva do século III, ou a reconstruções tardo-romanas. De qualquer modo, as características deste miolo e a sua robustez são inconfundíveis. De tal modo que se conservou, mesmo quando os paramentos exterior e interior ruíram, ou foram reconstruídos. Aliás, serviu de suporte a muros de contenção de terras, mesmo em épocas muito recentes (século XIX), conforme observámos nas escavações do novo bloco operatório do Hospital Distrital de Braga em 1995 (arqueólogo responsável: Francisco Sande Lemos).

À semelhança de outras estruturas defensivas da época a muralha baixo-imperial de Braga era flanqueada por torreões semi-circulares. Os alicerces de um torreão foram identificados na Rodovia, ou Avenida da Imaculada Conceição (figs. 7 e 8). Outros dois na zona do Fujacal. Neste local a distância entre torreões é de cerca de 18 metros (figs. 4, 5 e 6). Esta medida é semelhante à registada na muralha de Gijón (18 metros) (FERNÁNDEZ OCHOA 1997, 239). Gijón, antigo porto romano das Astúrias é hoje uma cidade de cerca de 270 000 habitantes.

A largura da muralha de Braga varia entre 4 a 6 metros, de acordo com os registos arqueológicos⁷.

A importância político-administrativa de *Bracara* como capital da *Callaecia* e as poderosas muralhas que a defendiam explicam, talvez, a sua escolha como sede do reino suevo, estabelecido em 411.

No período conturbado dos séculos V, VI e VII é natural que os ataques a Braga, dirigidos pelos visigodos, ou por exércitos hispano-romanos, tenham provocado a ruína de determinados troços da muralha. Nos paramentos, já registados, notam-se diferenças de aparelho, o que deverá estar relacionado com eventuais reparações. A cronologia destas reconstruções parcelares, ou pontuais, poderá ser determinada com segurança, quando se proceder à análise das estratigrafias laterais e dos respectivo material cerâmico.

Por outro lado, não é pacífico supor que os árabes, nas suas incursões ao Noroeste Peninsular tenham arrasado, totalmente, as muralhas de *Bracara*, como os cronistas muçulmanos dizem e a bibliografia tradicional aceita.

Pode admitir-se que, no âmbito da reorganização territorial asturiana-leonesa, época em que há referências explícitas a Braga⁸, tenha havido um retraimento da muralha, a sul. Em contrapartida, os documentos do século XII são muito claros sobre a manutenção da muralha de fundação romana, a norte.

O esclarecimento do traçado exacto da muralha do período asturiano-leonês é um problema científico em aberto, que só futuras escavações poderão resolver, haja, para tanto, o necessário financiamento.

3

De qualquer modo, para além dos caminhos que a investigação prossiga é muito importante que a cidade de Braga, os bracarenses, a comunidade dos arqueólogos, os cidadãos e as entidades de tutela, tomem consciência de que extensos tramos da muralha fundada na época romana, mantida no período suévico-visigótico e, provavelmente, no quadro da Reconquista Cristã, sobreviveram aos conflitos bélicos, à usura do tempo e á incúria dos homens. Está bem conservada, ao longo da rua do Souto (sob os prédios existentes no lado sul), na área do Fujacal (entre o Hospital e a rua de Sá de Miranda); no jardim da Casa dos Avelares; ao longo do muro sul da Cerca do Convento da Imaculada Conceição; e encostada aos fundos das casas mais antigas das ruas Direita e da Cruz da Pedra (pelo menos naquelas onde não se realizaram pequenas obras incontroladas no piso térreo).

Com prudência podemos estimar que se conserva pelo menos um terço da muralha, a qual, por exemplo, na rua Paio Mendes alcança 5 metros de altura.

Ou seja, a redescoberta da muralha de *Bracara Augusta*, para além do interesse científico e histórico tem óbvias repercussões de ordem patrimonial.

Confirma-se assim, e mais uma vez, o valor arqueológico do subsolo do Centro Histórico e da Zona Arqueológica de Braga.

Especificamente, é mais um contributo para o roteiro de Braga Antiga, que tanto tarda em materializar-se.

Por outro lado, e doravante, é necessário avaliar com extrema cautela todos os projectos, que incidam na faixa que corresponde ao traçado da muralha, por exemplo nos prédios da Rua do Souto e do largo Carlos Amarante. Toda a área em que está implantada a muralha encontra-se sujeita, após a criação do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, a um controlo normalizado. A confirmação inequívoca da existência da muralha e o conhecimento do seu traçado permitem definir melhor as condicionantes arqueológicas.

Eventuais alterações nos edifícios que se estendem ao longo da Rua da Cruz da Pedra e da Rua Direita, também devem ser cuidadosamente apreciadas uma vez que, conforme já dissemos, os fundos encostam à face externa da muralha.

Seria, também, desejável que o Município e a Administração Central ponderassem a eventualidade de recuperar o extenso troço de muralha que acompanha o limite sul da cerca do Convento da Imaculada Conceição. Não aconselhamos, obviamente, que seja integralmente escavada e posta à vista uma estrutura que iria, forçosamente, sofrer os efeitos poluentes do intenso tráfego automóvel. Recomendamos, no entanto, que se realizem sondagens e que fique visível um pequeno troço, de tal modo que, por outros meios, através de recursos multimedia, seja possível, integrar o que é hoje um anódino talude, nos circuitos de visita a Braga Antiga. Aliás, os pontos onde, diariamente, os bracarenses e visitantes da cidade se cruzam com a muralha, que jaz intacta no subsolo, deveriam ser assinalados nos passeios, na Rua do Cabido, na Rua Frei Caetano Brandão, no limite sul do Largo das Carvalheiras e na rua dos Bombeiros Voluntários.

Nenhuma outra grande cidade viva do nosso país conserva tramos tão extensos de muralha romana. Aparentemente invisíveis, mas, de facto, implantados com solidez na rocha.

Por este motivo vamos propor ao IPPAR que os troços já identificados sejam classificados como Monumento Nacional.

Como se prova à saciedade, as ruínas de *Bracara Augusta* não eram o tal fantasma, que muitos insinuavam, mas uma realidade concreta que se descobre, diariamente, graças ao esforço de uma ampla equipa.

O estudo detalhado da muralha, da sua cronologia, da sua evolução, das suas portas, vai exigir ainda muitos anos de trabalho e novas escavações em pontos chave. Esperamos que o ritmo das descobertas recentes não esmoreça e que a breve trecho seja possível apresentar novas descobertas.

Notas

¹ Texto da conferência lida no Museu Nogueira da Silva em 14 de Dezembro de 1998, em sessão promovida pela Biblioteca Pública de Braga. Não se fizeram alterações, excepto a introdução de notas de rodapé e correcções menores de estilo, sintaxe ou ortográficas.

² Como aconselha a crítica das fontes não é possível aceitar à letra as referências ao impacte catastrófico das incursões, que tanto cronistas muçulmanos como cristãos exageravam, tal como no século XX os comunicados das partes beligerantes sempre ampliam as baixas do inimigo e minimizam as próprias. O que é interessante nesta descrição é a referência à "ordenação das muralhas".

³ RAF: "Royal Air Force".

⁴ USAF: "United States Air Force".

⁵ Como texto de referência sobre o conjunto da urbe romana, sua história, urbanismo e arquitectura deve consultar-se o texto de Manuela Martins e Manuela Delgado (1989-1990, pp. 11-37).

⁶ No reinado do imperador Diocleciano entre 284-288 (TRANOY 1981, 402).

⁷ Nesta conferência não abordamos o problemas das portas da cidade, ou seja da articulação da rede viária com a urbe e com o seu sistema defensivo, não só devido à escassez de dados arqueológicos, mas também porque os conhecimentos estabelecidos e difundidos acerca das vias que convergiam para Braga necessita de ser revisto e discutido em pormenor.

⁸ Afonso III das Astúrias mandou "restaurar e repovoar a cidade" no século IX (873).

Bibliografia

- COELHO, A. Borges (1989) – *Portugal na Espanha Árabe*, I, Lisboa.
- CUNHA, Rodrigo da (1635) – *Historia Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, I vol., Braga.
- COSTA, Avelino Jesus da (1978) – *Liber Fidei*, vol. II, Braga.
- FEIO, Alberto (1956) – Origens da cidade – A Braga Romana, *Correio do Minho*, Braga, 30 de Setembro.
- FERNÁNDEZ OCHOA (1997) – *La Muralla Romana de Gijón (Asturias)*, Electa, Gijón.
- MARQUES, José (1982) – Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186-1545), *Bracara Augusta*, 36, (81-82), pp. 71-199.
- (1986) – O Castelo de Braga (1350-1450), *Minia*, II, 8, Braga, pp. 5-34.
- MARTINS, M. e DELGADO, M. (1989-1990) – História e Arqueologia de uma Cidade em Devir: *Bracara Augusta*, *Cadernos de Arqueologia*, II, 6-7, Braga, pp. 11-40.
- NUNES, H. B. e OLIVEIRA, E. (1988) – Documentos de Bracara Augusta – Arlindo Ribeiro da Cunha: Relíquias de Bracara Augusta, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-154.
- OLIVEIRA, Eduardo Oliveira (1978) – O Salvamento de Bracara Augusta – Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Minia*, II, 1 (1), Braga, pp. 20-44.
- SOUSA, J. J. Rigaud de Sousa (1973) – Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga, *Studia Archeologica*, 23, Santiago de Compostela-Valladolid.
- TRANOY, Alain (1981), *La Galice Romaine*, Diffusion de Boccard, Paris.



--- Muralha da Baixa Idade Média
— Muralha Romana

Fig. 1 – Relação entre a fortificação romana e medieval.



Fig. 2 - Fotografia aérea de Braga, notando-se as duas muralhas.

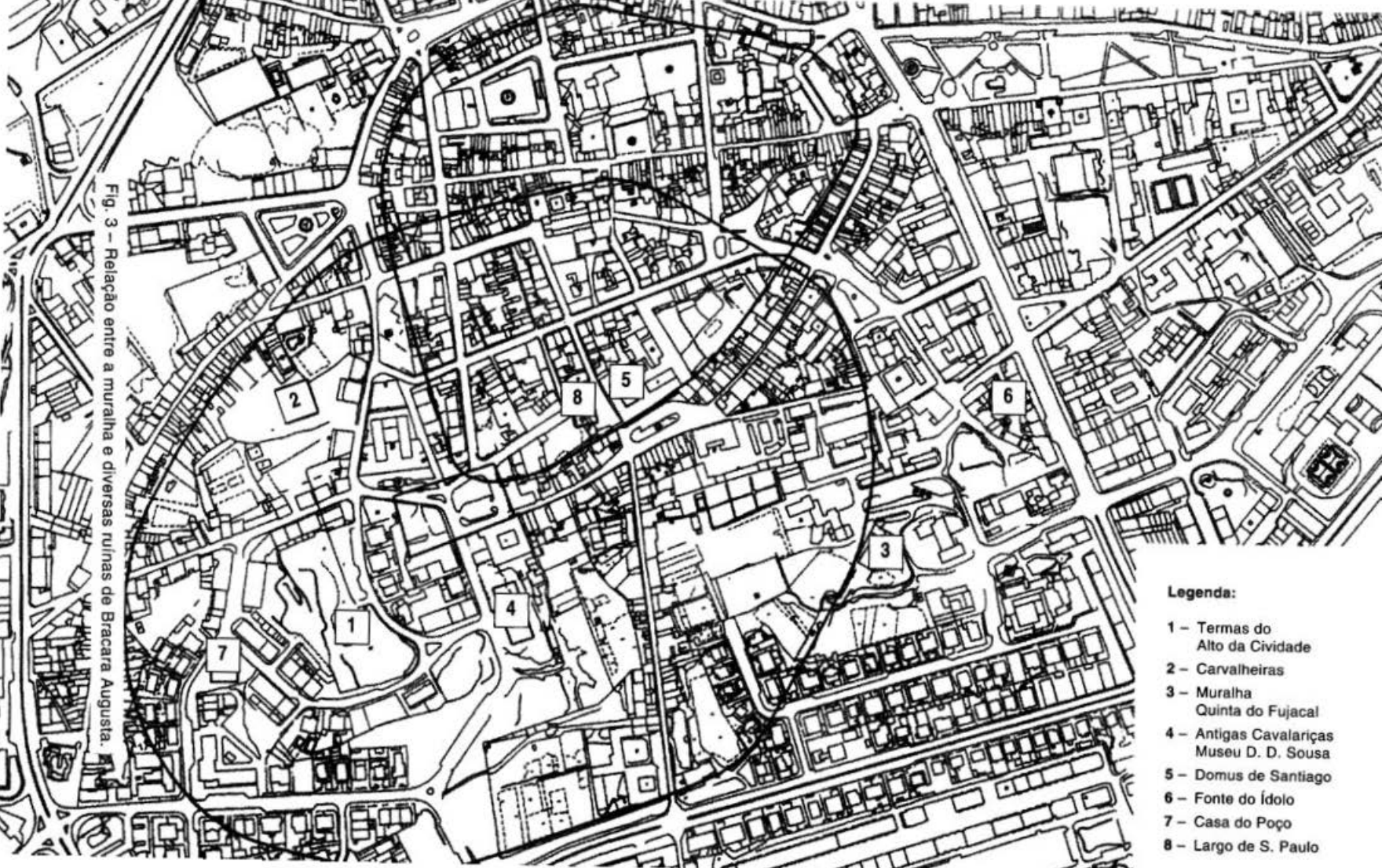


Fig. 3 - Relação entre a muralha e diversas ruínas de Bracara Augusta.

Legenda:

- 1 - Termas do Alto da Cividade
- 2 - Carvalheiras
- 3 - Muralha Quinta do Fujacal
- 4 - Antigas Cavalariças Museu D. D. Sousa
- 5 - Domus de Santiago
- 6 - Fonte do Ídolo
- 7 - Casa do Poço
- 8 - Largo de S. Paulo

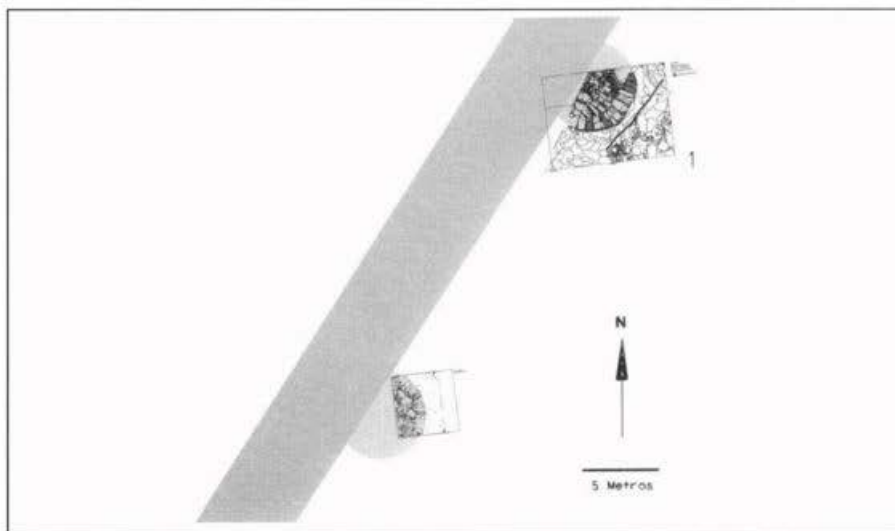


Fig. 4 – Muralha romana na área do Fujacal, observando-se dois torreões.



Fig. 5 – Fotografia dos alicerces do torreão da muralha romana do Fujacal.



ALUIMENTO DO MURO

0020

Fig. 6 - Desenho de uns torreões da muralha romana na área do Fújacal.

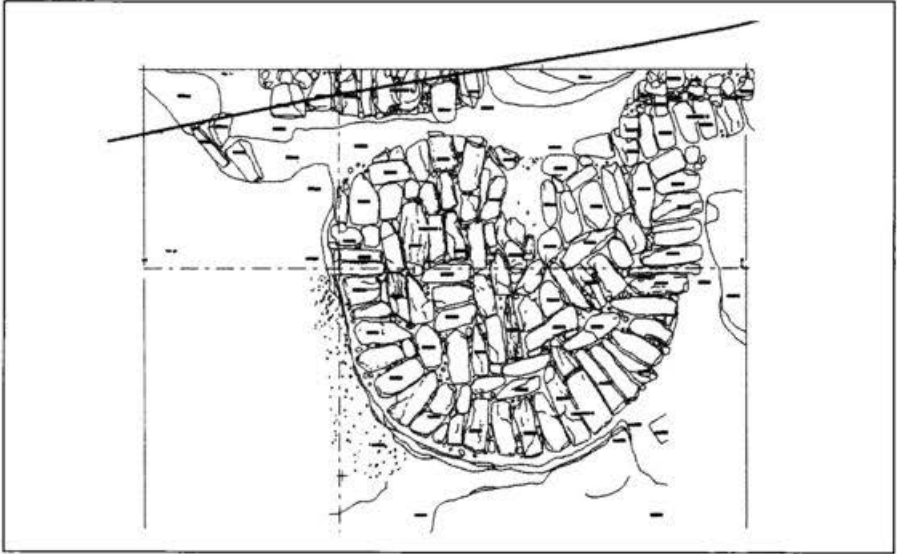


Fig. 7 – Desenho do torreão da Rodovia.



Fig. 8 – Alicerce do torreão da Rodovia (Av. Imaculada Conceição).